

O artista orientador está presente

Na semana passada experimentei o desejo de matar Helena e Edgar, talvez movida por um anseio de justiça por terem excluído um dos nossos. Também tive vontade de matar o Chico, o Francisco, o quadrado do Capão Redondo.

Pensando na morte, lembrei que meus vocacionados, os dois queridos da tarde (Pâmela que namora Pâmela e Merlyn que namora Lúcia) a incluíram na criação de seu programa na categoria das coisas bizarras que o mundo nos apresenta.

“Um pastor, que sentia felicidade no desprezo dos outros era ninfomaníaco, passava fome, tanto de comida quanto de mulher”.

Além de ninfomaníaco, jogava futebol, se vestia de palhaço para assustar pessoas chatas, lia livros que falavam sobre músicas de amor, acreditava em vida após a morte, e o pior de tudo; era professor de física.

Certo dia nós estávamos andando na Igreja e vimos poças de sangue, quando de repente soprou um vento muito forte, e seguido dele vinha a sombra. Com medo de formigas que dançavam com agilidade sobre carrinhos de rolemã, eram hipócritas, pois não tinham sentimentos, pois eram formigas obesas.

Conversamos com a sombra que nos contou sobre esse medo de formigas obesas, percebemos também que era uma sombra muito criativa, muito educada, muito saudável também.

Criamos com a sombra amizade e confiança, e quando estávamos no meio do diálogo o pastor apareceu de cabeça para baixo, na cruz do altar e disse que queria comer a todos nós, e se não permitíssemos ele usaria vidências com as armas de fogo, e disse que realmente iria nos comer e que as formigas não impediriam, pois ele era o rei delas. Ao descobrirem isso todos morreram de desgosto.

Após ver que as formigas tinham morrido ele comeu todas e disse que tinham gosto de caramelo com chantilly.

Criaram uma história que termina assim:

Com a morte das formigas a sombra criou esperança foi flutuando até a dimensão onde está guardada a imaginação de todas as pessoas, incluindo as chatas e as idiotas, e trouxe de lá um poder, que causava dor por meio da luz...

A morte, a esperança, chatos e idiotas...

A morte já foi, agora a esperança: na quarta-feira fui ao Ceu Capão com a esperança de, juntamente com Carol adentrar as esferas quase impenetráveis das imaginações alheias e propor um ciclo de apresentações audiovisuais, no âmbito da arte, com posterior articulação crítica na forma de debate. Começaríamos com Marina Abramovic em “O artista está presente”, para tanto precisaríamos do teatro e da tela.

- Não. O teatro é para eventos!

- Mas isso é um evento.

- **NÃO**, é para ser ocupado por oficinas.

Vontade de matar Francisco. Desculpem, a morte já foi, agora a esperança.

- Hãããmmm, nós estamos sem público, sem vocacionados, sem alunos, pensamos que essa intervenção cinematográfica poderia atrair pessoas.

- É muito estranho, você não acha? Que vocês não consigam fazer as pessoas ficarem, vocês não tem foco, algo objetivo. Essas oficinas de vocês... Você não sabe para o que serve um teatro!

Essa pequena cena que apresento em forma de drama foi mais real do que deveria. Naquela quarta-feira ensolarada Chico disse que nosso trabalho era ruim o suficiente para não atrair pessoas e que eu não sabia para que servia um teatro.

Nesse momento experimentei a sensação que dizem acometer as pessoas a beira da morte; um pequeno filme de toda minha vida teatral passou pela minha cabeça em segundos: o início aos sete anos, os cursos na adolescência, a escola de teatro, os espetáculos, a universidade, o mestrado, os oito anos no vocacional e tantos outros trabalhos.

Walter Benjamin, em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, ao explicar a relação entre o cinegrafista e o pintor, lança mão de excelente construção auxiliar, ilustrado pelas figuras do cirurgião e do mágico. Ouso explicitar o percurso elucidativo, substituindo o mágico pelo ator – por aproximarem-se fortemente no concernente à construção e apresentação de uma realidade que deveras não é real.

O cirurgião está no pólo oposto ao do ator. O comportamento do ator, que deposita as mãos sobre um doente para curá-lo, é distinto do comportamento do cirurgião, que realiza uma intervenção em seu corpo. O ator preserva a distância natural entre ele e o suposto paciente, ou antes, ele a diminui um pouco, graças à sua mão estendida, e a aumenta muito, graças à sua autoridade. O contrário ocorre com o cirurgião. Ele diminui muito sua distância com relação ao paciente, ao penetrar seu organismo, e a aumenta pouco, devido à cautela com que sua mão se move entre os órgãos. Em suma, diferentemente do ator, o cirurgião renuncia, no momento decisivo, a relacionar-se com seu paciente, em vez disso intervém nele pela operação.

Seja por meio de uma intervenção cirúrgica, de uma pequena cena apresentada diante do que Benjamin chama de comunidade de ouvintes temos como objetivo principal penetrar o âmago do ser humano e proporcionar a possibilidade de uma renovação, a partir dessas intervenções; sejam elas físicas ou simbólicas, aproximadas ou distanciadas. Se assim o for, será possível a compreensão de que a cirurgia que opera o teatro, ou a arte na aquisição do bem simbólico – possibilitando a “cura” aos indivíduos desesperançados, tem a mesma relevância da cirurgia que opera a retirada de um corpo estranho de dentro de nós.

Parece, contudo que há um acordo tácito em nossa sociedade que concorda com a potência indispensável de uma figura médica e na mesma medida a irrelevância desnecessária dos artistas, da arte. E assim encontramos pelo caminho Franciscos desesperançados, pois as dificuldades que inibem a compreensão da presença do artista ou do ato artístico não são outras que as resultantes de sua aderência imediata à vida, enquanto a teoria define no exílio babilônico de uma prática que nada tem a ver com nossa existência.

Acometida por essas e tantas outras questões no campo vocacional e interlinguístico e a despeito de tantas dificuldades lembrei-me da provocação em forma de indagação de Friedrich Dürrenmatt¹: O que aconteceria se o estado brasileiro proibisse a apresentação de qualquer espetáculo? Se proibisse o teatro de existir: quem sentiria sua falta? Quem, além dos artistas, perceberia o ocorrido? Que tipo de mobilização decorreria desse fato? O que significa dizer que certos assuntos não cabem na forma dramática?

Segundo Brecht, em *Poderá o mundo de hoje ser reproduzido pelo teatro?* “Só poderemos descrever o mundo atual para o homem atual, na medida em que o descrevermos como um mundo passível de modificação.” Qual o significado desta observação? Para quem se faz

¹ Dramaturgo e romancista suíço, nascido no início da década de 1920, foi também propositor do teatro épico. Suas peças refletiram experiências da Segunda Guerra Mundial.

teatro? Em que medida as questões sociais são mais importantes que aquelas que atormentam o (individualismo acometedor do) homem moderno? Enfim, e como afirma Brecht em *Perguntas a um operário que lê*: “Tantas histórias. Tantas perguntas.” Nenhuma resposta, com relação a essas questões serão aqui respondidas, entretanto, a partir de uma prática coletiva e democrática, talvez se possa ter uma série de prenúncios acerca daquilo que mais relevância pode ter em um trabalho teatral não culinário! (MATE, 2005, p.37)

E ele disse que eu não sabia para que servia o teatro e disse que eu não poderia ocupar o teatro com a minha “oficina”.

Mas ainda bem que há registros, pois aos idiotas, aos imbecis ou...

Aos “distraídos”, Reinaldo Maia compartilha com o Projeto Vocacional e seus participantes, seja na condição de orientadores, coordenadores, vocacionados, entre outros, um texto intitulado *Vocação ou distração?* (2004), em que realiza excelente reflexão sobre a atuação do poder público por meio do referido projeto, na distribuição justa do bem simbólico para o todo da sociedade.

A seguir, alguns trechos para relembrarmos:

Qual o papel de uma Secretaria Municipal de Cultura para o conjunto da cidadania? Iniciar este texto com uma pergunta é colocar a dúvida como uma necessidade dos órgãos públicos frente às suas atribuições e deveres. Isto é urgente para compreendermos as tarefas que tem pela frente o aparelho de Estado para se tornar, de fato, Público e Democrático. Não devemos esquecer que o processo de democratização não se dá sem um longo trabalho de conscientização **dos funcionários** do aparelho de Estado e dos cidadãos que, tendo vivido sob um regime ditatorial, acreditam ser o Estado propriedade de alguns escolhidos [...]

No meu entender compete a uma Secretaria de Cultura cuidar da distribuição justa do “bem simbólico” para o todo da sociedade. Distribuição essa que inclui os instrumentos teóricos e práticos para que todos possam criar suas manifestações artísticas. Na tradição do Estado brasileiro acredita-se que a principal função de um órgão público de cultura resume-se a dar o “circo” onde falta o “pão” [...].

Todo esse introito para se falar da importância de um projeto como o do Teatro Vocacional. Instituído durante a gestão de um governo que tem sua origem no campo da esquerda, a ação pública cultural é entendida como a instituição de mecanismos que tornem universal a fruição e a criação do “bem simbólico”. Isto é, à ação pública não basta facilitar à população o contato com as diferentes linguagens artísticas, mas é de fundamental importância socializar os conhecimentos que possibilitem a criação [...].

Não podemos esquecer que a educação e a cultura, em países com passado escravocrata, é privilégio de uma pequena parcela da população. Dando continuidade, consciente ou inconscientemente, à ideologia da superioridade racial de alguns membros da sociedade em relação a outros, entendem que a maioria da população não tem capacidade de pensar e, por conseguinte, não possuem e não criam cultura [...].

O programa do Teatro Vocacional vem na contramão dessa política cultural assistencialista. Ele não é um programa social transvestido de ação cultural. Não está preocupado em inserir o indivíduo na ilusão do mercado das “artes”. Como um Projeto da Secretaria de Cultura sabe

que sua atribuição é o de socializar os conhecimentos e o “bem cultural”. Ao ir ao encontro da maioria da população que se encontra excluída do “bem cultural” não vai com o sentido “cristão civilizador” de levar a verdade, mas com o espírito crítico que sabe que é importante socializar, às camadas mais amplas da população, os conhecimentos que a capacitem a fruir e a criar o bem simbólico [...] Para não se transformar em “tirania” há que se lutar para que todos tenham, pelo menos, voz. E as criações culturais são, nas suas diferentes formas de manifestação, as vozes sonantes das diferentes classes sociais [...] democrático é criar condições iguais para que todos possam desenvolver as suas potencialidades e não apenas possibilitar o acesso ao que é produzido por outrem, como se fosse natural essa divisão entre os que “criam” e os que estão determinados a serem “consumidores”. O que se pretende é forjar um pensamento crítico, não difundir habilidades e receitas artísticas [...].

Aos liberais isso incomoda. Afinal, como aceitar que a grande maioria da população se sinta como possuidora de cultura e capaz de criar suas próprias manifestações? Que ousadia querer transformar o indivíduo em cidadão e não em mero consumidor? Abandonar o papel tutelador do Estado, para passar a ser mero interlocutor dos interesses dos contribuintes? Como aceitar que a política pública seja objeto da discussão pública? Submeter-se aos interesses coletivos, quando outrora gozava dos privilégios de classe escolhida e beneficiária única dos recursos públicos? O Projeto do Teatro Vocacional coloca todas essas questões na ordem do dia. E para um país onde o público e o privado até recentemente eram a mesma coisa, isso já é uma grande revolução. O Projeto aponta para uma vocação, não quer a “distração” do cidadão dos seus direitos e sonhos. (MAIA *in* SMC-PMSP, 2004, p. 59)

Ele não leu esse texto, ele não olhou pra mim, ele não me ouviu ele disse que eu não sei para que serve um teatro...
Reinaldo Maia morreu, o vocacional cresceu...

Finalizo com Bornheim:

O espectador de teatro dramático diz: Sim, eu também já senti isso. – Eu sou assim. – Isso é natural. – Isso sempre será assim. – O sofrimento desse homem me comove, porque não há saída para ele. – Eis a grande arte: nela, tudo é muito óbvio. – Eu choro com os que choram e rio com os que riem.

O espectador do teatro épico diz: jamais teria pensado nisso. – Isso não deveria ser feito desse modo. – Isso é muito estranho, quase inacreditável. – Isso deve parar. – O sofrimento deste homem me comove, porque haveria uma saída para ele. – Eis a grande arte: nada nela é óbvio. – Eu rio dos que choram, e choro dos que riem.

Interlinguisticamente planejamos resistir. Diante do documentário performático de Marina Abramovic tivemos nesse último sábado uma única vocacionada, emudecida, talvez pela pouca idade (12 anos), mas também ela, a artista, demorou 40 anos para ser notada, respeitada pela sua arte, talvez levemos um pouco menos.

Trabalhando na perspectiva dos programas, abordados e brevemente ensaiados nesse espaço artístico pedagógico, onde cada encontro poderá se caracterizar como acontecimentos independentes, por não ser possível a elaboração de um processo de continuidade artística por faltar o material humano, realizaremos encontros entre pessoas onde o ponto de partida será a ação artística.

Isso poderá ser caracterizado pela elaboração de programas anteriormente criado pelas artistas orientadoras, por programas criados pelos vocacionados, por sessões de vídeos que apresentem processos artísticos (já foram apresentados: a trajetória do Grupo Galpão e A artista está presente) bem como apreciação de imagens.

Para esse processo com característica experimental e aberta utilizaremos as horas destinadas para as atividades destinadas ao programa, no total de 50 a cada mês da seguinte maneira:

Ação	Data	Carga horária	Carga horária total no mês
Reunião artístico pedagógica	Segundas-feiras Das 10h às 13h	3hs	12hs
Ação com turmas no CEU	Sábados Das 10h às 13h e das 13h às 16h	6h	24hs
Ensaio de pesquisa-ação	indefinido	4hs	4hs
Reunião de dupla de trabalho para fins de planejamento e avaliação do processo de trabalho	Sábados das 9h30 às 10h	30 min.	2hs
Trabalho de criação de material do projeto interlinguagem 2013, inventariando os materiais criados e utilizados como fonte de inspiração bem como histórico e trajetória.	Indefinido	4hs	4hs
Intervenção na comunidade para fins de diálogo ou divulgação e participação em eventos artística	Indefinido	4hs	4hs